
Representação e representatividade negra: uma análise dos personagens Bianca Barclay e Lucas Walker da série *Wandinha*¹

Amanda Maria de Sobral GOMES²
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

Resumo

O artigo tem como objetivo analisar como os personagens negros Bianca Barclay e Lucas Walker, da série *Wandinha* (NETFLIX, 2022), são representados. A partir de Stuart Hall (2016), serão investigadas representações com base em estereótipos de raça e gênero, e a representatividade de pessoas negras no audiovisual. Como metodologia, foram selecionados seis episódios da primeira temporada de *Wandinha*, sendo observados as cenas em que pelo menos um dos dois personagens aparecem, e houve uma comparação na direção de Tim Burton e Gandja Monteiro. Como principais resultados, Burton os representou com base em estereótipos raciais simplistas, enquanto Monteiro aprofundou no desenvolvimento de ambos.

Palavras-chave

Estereótipo; gênero; racismo; representatividade; *Wandinha*.

Introdução

O artigo busca analisar como os personagens negros da série *Wandinha* são representados. A produção da Netflix foi escolhida devido a grande popularidade que ganhou desde o seu lançamento, em novembro de 2022. Já os personagens Bianca Barclay e Lucas Walker, interpretados por Joy Sunday e Iman Marson, respectivamente, foram o principal foco, pois são os únicos adolescentes negros que possuem falas.

Para o estudo, foram escolhidos os primeiros 6 episódios da série *Wandinha*, sendo que os episódios 1 ao 4 foram dirigidos por Tim Burton, e os capítulos 5 e 6, por Gandja Monteiro. Assim, será feita uma comparação entre a direção dos cineastas, buscando responder as perguntas: *Como os personagens Bianca e Lucas são representados por Burton? E por Monteiro? Houve estereótipos de raça e gênero nos episódios? A série possui representatividade negra múltipla e complexa?*

Dessa forma, foi utilizado um referencial teórico que explica os conceitos de representação e representatividade e que investiga como as pessoas negras vêm sendo representadas no audiovisual desde o século XX, com o surgimento do cinema, até o

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social pela UFMG, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Bacharel em Jornalismo pela UFMG. E-mail: amandamaria.amsg@gmail.com.

momento atual, no contexto *hollywoodiano* e brasileiro. No capítulo seguinte, é abordado a história da Família Addams e da série Wandinha, assim como, o histórico dos cineastas Burton e Monteiro, refletindo sobre representações negras em seus trabalhos. A partir disso, ocorrerá a análise dos personagens, observando como eles são representados em ambas as direções.

Cultura e representação

Na indústria cultural, é comum serem produzidos conteúdos para um público massivo. É possível encontrar personagens que apenas reproduzem estereótipos e, quando tratamos de grupos sociais marginalizados, isso acaba perpetuando preconceitos ao reforçar uma imagem negativa. Stuart Hall define estereótipos como características “‘simples, vívidas, memoráveis, facilmente compreendidas e amplamente reconhecidas’ sobre uma pessoa; tudo sobre ela é reduzido a esses traços que são, depois, exagerados e simplificados”, enquanto a estereotipagem seria algo que “reduz, essencializa, naturaliza e fixa a ‘diferença’”, além de “divide o normal e aceitável do anormal e inaceitável. Em seguida, exclui e expelle tudo o que não cabe, o que é diferente” (HALL, 2016, p.191). O autor defende que as diferenças, embora necessárias, se tornam um problema quando ocorre um sistema de representação binário, extremo e polarizado, criando diferenças positivas e negativas: nós/eles, bom/mau, civilizado/primitivo. Geralmente os binarismos não são neutros, pois um dos pólos sempre é dominante, existindo uma relação de poder, como homem/mulher ou branco/negro.

Dessa maneira, com o surgimento e popularização do cinema no início do século XX, os estereótipos sobre pessoas negras passaram a ser reproduzidos no audiovisual. A autora Andréa Silva (2018), em sua tese de doutorado, argumenta que em Hollywood as representações do Outro não-hegemônico eram problemáticas desde o início:

Índios de tribos diferentes chegaram a reclamar de equívocos culturais e históricos, pois alguns deles eram retratados como guerreiros quando, na verdade, não passavam de fazendeiros pacíficos. (...) Os hispânicos também protestaram, reiteradas vezes, contra o rótulo de bandido, de membro de gangue, de chicano ultrarreligioso e/ou mal-intencionado, de revolucionário, toureiro etc., enquanto suas mulheres eram associadas à dança e à fofosidade. Representações preconceituosas também não pouparam os afro-americanos. Gilroy (2001) alega que desde o tráfico negreiro, uma torrente de ideias estereotipadas, que resultaram no desejo *ad aeternum* de dominação, perpetuou a diferença entre o “Eu” - senhor de terras e o “Outro”, dominado e tornado propriedade alheia. (SILVA, 2018, p.75-76)

Um filme de grande relevância para o cinema é *O Nascimento de Uma Nação* (1915), dirigido por David Llewelyn Griffith. O longa-metragem trouxe grandes inovações no modo de fazer cinema e apesar de Griffith ter recebido o título de fundador do cinema e do filme ter sido um sucesso, os negros foram representados como inferiores intelectual, moral e esteticamente, violentos e estupradores (HALL, 2016; SILVA, 2018). Essas representações foram constantemente reproduzidas no início do cinema. Assim, Hall (2016) categorizou estereótipos ligados aos homens negro, sendo eles: *mal-encarados* (homens grandes, fortes, violentos e supersexuados); *Pai Tomás* (personagem do *A Cabana do Pai Tomás* (1852), de Harriet Beecher Stowe, cujo era o bom negro, submisso, generoso e fiel aos brancos); e *malandros* (preguiçosos).

Já as mulheres negras receberam os estereótipos de *Mommy* ou *mãe preta* (equivalente ao Pai Tomás, pois cuidava da casa e dos filhos dos senhores e, fisicamente, era gorda e assexuada) ou de *mulata trágica* (jovem, bonita, supersexuada, exótica e, devido a miscigenação racial, era aceitável e atraente aos homens brancos, mas devido ao sangue negro, era condenada a um fim trágico). Mulheres negras eram retratadas como empregadas ou eram sexualizadas, não cabendo no papel de mãe ou esposa, geralmente associado a mulheres brancas. Ao longo dos anos, esses estereótipos não deixaram de existir, mas passaram a conviver com outros tipos de representações e sempre houve resistência a essas representações.

Assim sendo, Silva (2018) descreve que, em representação de negros por brancos, no audiovisual, para platéias brancas no século XIX e início do século XX, continham os estereótipos engessados e constantes. A partir dos anos 1950, a presença de pessoas negras na atuação e na produção aumentou e, logo, em filmes produzidos tanto por pessoas brancas quanto por negras, para um público misto ou majoritariamente negro, os personagens negros agora podiam ser homens cultos, elegantes e refinados, seguindo a cultura eurocêntrica. Nos anos 1970, os negros começaram a aparecer em uma variedade maior de papéis, principalmente em filmes produzidos por negros³, como *gangsters*, detetives, policiais, poderosos e atraentes, enquanto brancos podiam interpretar criminosos. No mesmo período, personagens negros engraçados e/ou

³ Essas produções ficaram populares no *Blaxploitation*, onde pessoas negras entraram no cinema *mainstream* e tiveram acesso nas produções de Hollywood, desempenhando papéis que antes só cabiam a brancos (SILVA, 2018).

excêntricos permaneceram, mas não apenas sendo bobos e infantis, mas podiam protagonizar ou ser coadjuvante. Já nos anos 1990, em produções de brancos para públicos mistos, os personagens brancos eram protagonistas e salvadores, enquanto os negros eram coadjuvantes engraçados, malandros ou excêntricos. Mas em produções de negros, haviam protagonistas negros heróis, resilientes e capazes, enquanto os brancos apareciam como inimigos racistas. A partir dos anos 2000, após a eleição do presidente Barack Obama, se deu início a Era Obama, com filmes com temática racial.

Apesar de Andréa Cotrim Silva afirmar que a mulher negra era representada nos filmes produzidos por homens negros como “sensual e autossuficiente”, podendo exercer papéis normalmente masculinos, a autora não aprofunda na recepção de mulheres negras. A autora bell hooks (2019a) aborda como mulheres negras se sentiam mal representadas tanto em filmes produzidos por homens brancos, quanto por negros. Isso ocorria porque, embora os homens negros fossem punidos por olhar para as mulheres brancas, como espectadores, podiam exercer o olhar falocêntrico. Assim, as mulheres a serem desejadas ainda eram brancas. No mais, hooks dirigiu críticas ao diretor negro Spike Lee, pois ele imitava o olhar falocêntrico que a mulher branca recebia, e substituía seu corpo pelo corpo de uma mulher negra, fazendo uma “transferência sem transformação” (hooks, 2019a, p.197).

Em séries televisivas e seriados, o cenário é semelhante. As pesquisadoras Mayka Castellano e Melina Meimaridis (2018) relatam que desde a popularização de séries, a partir dos anos 1950, as narrativas seriadas buscavam por protagonistas heróis e de fácil identificação pelo público. Com o surgimento de canais pagos, protagonistas antipáticos e antiéticos passaram a ser explorados, porém, esse papel estava associado a homens brancos. Personagens femininas e brancas ainda eram simpáticas, frágeis e emotivas. Nas décadas de 1950 e 1960, as poucas personagens femininas que existiam estavam em busca de um par romântico, em profissões consideradas femininas e eram definidas por seus relacionamentos com homens, seguindo o estereótipo da dona de casa ou da subordinada de homens, como secretárias. Mas nos anos 1970, esse cenário começou a mudar com o início da *New Woman*, “uma mulher solteira, sem filhos, heterossexual, sexualmente ativa e que busca seu lugar no mercado de trabalho” (CASTELLANO, MEIMARIDIS, 2018, p.4). Esse estereótipo estava ligado a Segunda Onda Feminista, consolidando a imagem “de uma mulher caucasiana, de classe média,

solteira, estudada, heterossexual e que desempenhava uma profissão tradicionalmente associada ao universo masculino” (CASTELLANO, MEIMARIDIS, 2018, p.5), nos anos 1990 e início dos anos 2000. Nesse período, surgiram séries com maior participação de personagens de outras raças e etnias, como negras, latinas e asiáticas, apesar da representação poder problemática e estereotipada.

Portanto, é necessário considerar as representações audiovisuais de mulheres e, sobretudo as negras e, as consequências delas. Atualmente, estão ocorrendo discussões sobre a representação de grupos sociais marginalizados, onde as reivindicações são por representatividade. A pesquisadora Olívia Pilar entende representatividade como: “1) a presença; 2) uma presença que não seja única; 3) uma representação com camadas; 4) a pluralidade e a diversidade de histórias” (PILAR, 2021, p.63). A representatividade necessita de histórias complexas e múltiplas, permitindo que esses grupos possam se autodefinir com novos olhares e auto reflexões. Patricia Hill Collins enfatiza a importância da reflexão que fornece às mulheres negras a autoavaliação e autodefinição.

Autodefinição envolve desafiar o processo de validação do conhecimento político que resultou em imagens estereotipadas externamente definidas da condição feminina afro-americana. Em contrapartida, a autoavaliação enfatiza o conteúdo específico das autodefinições das mulheres negras, substituindo imagens externamente definidas com imagens autênticas de mulheres negras. (COLLINS, 2016, p.102)

Ao olhar para o contexto brasileiro, as representações negras também se mostraram problemáticas, pois negros também eram escalados apenas para papéis de pessoas escravizadas, empregados e bandidos, e na publicidade, raramente estavam em ambiente familiar ou com amigos, sendo presentes principalmente em trabalhos pouco qualificados ou em práticas de esportes (CORRÊA, BERNARDES, 2019). Sobre as mulheres negras brasileiras, Lélia Gonzalez, aponta que há três tipos estereótipos: a *mãe preta* (relativa a *Mammy*), a *mulata* (referente a mulata trágica e exaltada apenas no carnaval) e, por fim, a *doméstica*, que “(...) nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas” (GONZALEZ, 2020, p. 82). As pesquisadoras Laura Guimarães Corrêa e Mayra Bernardes abordam sobre o fenômeno do Negro Único na mídia massiva, onde há uma “única pessoa negra em um mar de pessoas brancas, seja em campanhas publicitárias, capas de revistas, telenovelas, telejornais etc.” (CÔRREA,

BERNARDES, 2019, p.207). Essas pessoas negras estão solitárias em locais de grande visibilidade e sempre são as mesmas pessoas, cabendo a elas representar todo o grupo, revelando que até nos dias de hoje, pessoas negras são sub-representadas em espaços associados ao sucesso e super-representadas em locais marginalizados ou “menos nobres”. Portanto, no contexto estadunidense e brasileiro, pessoas negras são sub-representadas no audiovisual, se encaixando, na maioria das vezes, em papéis estereotipados, com pouca visibilidade e/ou sendo a única negra do local.

Wandinha Addams

Em 23 de novembro de 2022, a série *Wandinha* é estreada pela Netflix. A série foi criada a partir da história da Família Addams, criada na década de 1930 pelo cartunista Charles Addams, e publicada na revista *The New Yorker* (FOLHA, 2022). A família ficou famosa devido ao humor sombrio que ia contra os ideais de família perfeita, por isso, as tirinhas se tornaram séries televisivas (1964-1966 e 1998-1999), filmes (1991, 1993 e 1998), desenho animado (1973, 1992-1993, 2019 e 2021), além de possuir aparições em especiais de televisão (DARKSIDE, 2021).

A série *Wandinha* tem com foco a personagem adolescente Wandinha Addams, interpretada por Jenna Ortega, e se tornou um grande sucesso: em apenas três semanas, atingiu a terceira posição de série da Netflix de língua inglesa mais assistida⁴. Em junho de 2023, a série atingiu o topo como a mais popular da plataforma, com mais de 252 milhões de visualizações, ultrapassando 1,7 bilhão de horas assistidas, no período de 91 dias desde sua estreia⁵. A produção tem adolescentes como público-alvo e conta com grande protagonismo de pessoas latinas, indo para além dos estereótipos que os apresentam como violentas (SILVA, 2018). Os produtores da primeira temporada são Alfred Gough, Miles Millar e Tim Burton, sendo os dois primeiros também roteiristas, enquanto Burton dirigiu os quatro primeiros episódios. Gandja Monteiro dirigiu os episódios 5 e 6 da série e James Marshall, os dois últimos, totalizando 8 episódios.

Tim Burton é um famoso cineasta norte-americano, conhecido por produzir filmes como *Os Fantomas se Divertem* (1988), *Edward Mãos de Tesoura* (1990) e

⁴ Disponível em: <https://wandinha.com.br/wandinha-e-oficialmente-a-terceira-serie-mais-assistida-na-netflix/>. Acesso em: 24 jun. 2023.

⁵ Disponível em: <https://lorena.r7.com/categoria/cinema-tv/Wandinha-ultrapassa-Stranger-Things-em-popularidade>. Acesso em: 24 jun. 2023.

Alice no País das Maravilhas (2010)⁶. Uma das críticas que a série *Wandinha* recebeu foi a pouca presença de personagens negros e os que tinham, apenas interpretavam vilões, gerando acusações de racismo. Essa não foi a primeira vez que Burton foi acusado de racismo, pois em suas mais de 30 obras, a presença de negros era quase inexistente e marcada por estereótipos. Ao ser questionado sobre, Burton respondeu com: “Tá, ok, vamos ter uma criança asiática e uma negra. Eu ficava mais ofendido com isso do que... Eu cresci assistindo a filmes Blaxploitation e era ótimo. Eu não ficava ‘ok, ali deveria ter mais personagens brancos’” (ARAÚJO, 2022).

Em contrapartida, a cineasta Gandja Monteiro, embora tenha nascido nos Estados Unidos, possui pais brasileiros e viveu sua infância e adolescência entre Nova York e Rio de Janeiro. Em entrevista para o site *ELLE Brasil* (2022), Monteiro conta que embora haja maior diversidade de pessoas no cinema, as mudanças são muito poucas, porque os donos de estúdios não as desejam, e as mulheres ainda precisam de muita experiência em seus currículos para conseguirem espaço em produções. Mas em suas produções, ela busca trazer diversidade racial e um olhar sensível e feminino. Portanto, analisar as produções e posicionamentos anteriores dos cineastas se mostra relevante para observar os personagens de *Wandinha*.

Metodologia e análise dos episódios de *Wandinha*

Como metodologia para análise dos personagens negros Bianca Barclay e Lucas Walker, na primeira temporada de *Wandinha*, foram selecionados 6 episódios da série, sendo eles: 1 ao 4, dirigidos por Tim Burton, e episódios 5 e 6, dirigidos por Gandja Monteiro. Foram analisadas apenas as cenas onde pelo menos um dos personagens aparecem. Assim, foi possível compreender suas representações e se elas reforçam ou subvertem os estereótipos de negros no audiovisual.

No primeiro episódio, *Wandinha é só desgosto*, Enid Sinclair, colega de quarto de Wandinha, apresenta os estudantes da Academia Nunca Mais. Todos são chamados de “excluídos” por serem uma minoria que possui habilidades especiais, enquanto a população em geral é chamada de “padrão”. Há quatro tipos de “excluídos” mais populares na escola: os *Vamps* (vampiros), *Peludos* (lobisomens), *Górgonas* (medusas) e *Escamas* (sereias). Bianca Barclay é uma sereia descrita por Enid como uma realeza,

⁶ Disponível em: <https://www.timburton.com/about>. Acesso em: 24 jun. 2023.

sendo a mais popular da escola, porém, seu império anda abalado devido ao término do seu namoro com Xavier Thorpe, um estudante branco. No pátio e nos corredores da escola, é possível notar estudantes de diferentes raças e etnias, com destaque para brancos, negros, amarelos e latinos (Figura 1). A segunda cena de Bianca é na aula de esgrima e ela constantemente provoca Wandinha, que também demonstra grande antipatia. Em um duelo de esgrima entre as duas, Bianca sai vencedora.



Figura 1 – Bianca e estudantes de Nunca Mais no pátio da escola (Fonte: Netflix)

No mesmo episódio, Lucas Walker aparece, junto de dois amigos brancos, na cafeteria Cata-Vento e confrontam Wandinha, a insultando de “aberração” e “bizarra”. Os três atacam a garota, mas ela os derrota facilmente. É importante ressaltar que eles estavam vestidos como peregrinos (Figura 2), pois trabalhavam no *Pilgrim World*, um vilarejo histórico que conserva a história da cidade de Jericho. O dono do local é o prefeito Walker, pai de Lucas.



Figura 2 – Lucas Walker e seus amigos vestidos de peregrinos no episódio 2 e Bianca no *Pilgrim World* no episódio 3, respectivamente (Fonte: Netflix. Montagem da autora)

Os peregrinos são um grupo importante na história dos Estados Unidos, já que foram a primeira colônia inglesa a habitar o país permanentemente, em 1620 (BRYANT, 2020), pois foram vítimas da intolerância religiosa na Inglaterra. Tinham como ambição habitar o Novo Mundo com ideais capitalistas, protestantes e supremacistas, utilizando a

sigla *WASP* (branco, anglo-saxão e protestante, em português), para afirmar sua superioridade cultural e racial. O grupo foi um dos responsáveis pelo genocídio de nativos americanos, negros, daqueles que não seguiam a moral protestante ou que eram acusados de bruxaria. Também sequestraram pessoas africanas e nativos americanos para escravizar. Apesar disso, durante toda a série, Wandinha é a única personagem consciente da história dos peregrinos e que a repudia, chegando a explodir a estátua do peregrino Joseph Crackstone, responsável por matar “excluídos”. Até Bianca quando vai ao *Pilgrim World* em uma excursão escolar, no terceiro capítulo, se diverte no local e trabalha sorridente, vestida a caráter (Figura 2).

No segundo episódio, *Desgosto Solitário*, Wandinha precisa entrar em uma atividade extracurricular, e vai ao coral da escola, liderado por Bianca – há a presença de outros dois alunos negros e um amarelo (Figura 3). Bianca subestima as habilidades vocais da protagonista, que desiste de participar da atividade. Já em sala de aula, Bianca é a melhor aluna, mas Wandinha se torna uma adversária à altura, além de causar ciúmes em Bianca ao se sentar ao lado de Xavier (Figura 3).



Figura 3 – Bianca liderando o coral e, observando Wandinha e Xavier, respectivamente (Fonte: Netflix. Montagem da autora)

Há uma cena protagonizada por Bianca e Xavier e nela, Bianca tenta reatar seu namoro. É revelado que o casal se separou por ele acreditar ter sido manipulado por Bianca, através de seu canto de sereia, por mais que ela sempre use um amuleto que anula o seu poder e alegar que não o encantou. Os dois acabam discutindo por causa do ciúme que ela sentiu de Xavier e Wandinha, e conta que vai derrotá-la em uma competição usando trapaças, pois afirma que gosta de ganhar. Bianca, ao falar da sua rival, sempre utiliza ofensas. No dia seguinte, ocorre uma corrida de barcos. Bianca e seu grupo trapaceiam usando um de seus amigos sereia para afundar outros competidores. As duas rivais trocam ofensas durante toda a competição e no final, o

grupo de Wandinha vence, deixando Bianca furiosa. A equipe de Wandinha também trapaceou e todos os barcos podiam usar armadilhas para afundar os adversários.

No capítulo 3, *Amiga ou Desgosto*, Wandinha descobre a sociedade secreta da escola, Beladona, composto por estudantes populares, dentre eles a Bianca, que descreve a sociedade como “Um clube social de elite”. No grupo, ela é a única negra, e há dois estudantes de raça amarela, sendo que Yoko Takana ganha suas primeiras falas (Figura 4). Posteriormente, os estudantes de Nunca Mais vão até o *Peregrinos World* durante o Dia da Interação, uma comemoração da cidade para Joseph Crackstone, onde “excluídos” prestam serviços para “padrões” no *Pilgrim World*. O prefeito Walker conta ao xerife que não gosta dos “excluídos”, mas que os aceita porque a escola gerava lucro. A postura do prefeito chama atenção pois, apesar de ser um homem negro e pelos Estados Unidos terem enfrentado leis de segregação racial, faz o mesmo com os estudantes de Nunca Mais, os separando dos “padrões”. No mesmo capítulo, Lucas e seus dois amigos agredem os “excluídos” e lutam contra Wandinha (Figura 4).



Figura 4 – Sociedade secreta Beladona e Lucas agredindo um “excluído” com seus amigos
(Fonte: Netflix. Montagem da autora)

No último capítulo dirigido por Burton, *Noite de Desgosto*, ocorre o baile da escola. Lucas convida Enid Sinclair para causar ciúmes em sua ex-namorada. Enid aceita para não ficar sozinha e causar ciúmes em Ajax, um “excluído” que era seu interesse romântico. No baile, Enid derruba sua bebida em Lucas e se abaixa para secá-lo. O enquadramento sugere um ato sexual entre os dois (Figura 5). Apesar de Lucas estar gostando da companhia de Enid, é revelado que ele e seus amigos haviam planejado destruir o baile. Lucas tenta convencer seus amigos a desistirem da ideia, mas segue em frente para provar que “Não era um frouxo” e o trio joga a tinta vermelha nos estudantes. Enid descobre a armação e chora enquanto os dois colegas de Lucas a

insultam. Ajax aparece para defendê-la. Embora ela seja forte fisicamente, por ser uma loba, Enid precisou de um homem branco para defendê-la do negro (Figura 5).



Figura 5 – Lucas e Enid em um enquadramento sexualmente sugestivo e Ajax defendendo Enid de Lucas e seus amigos (Fonte: Netflix. Montagem da autora)

Enquanto isso, Bianca vai ao baile com Xavier após convidá-lo. Durante todo o baile, ele fica infeliz e pede a Bianca que o faça esquecer Wandinha com seu canto de sereia. Essa atitude a deixa indignada e ela deixa o baile. Fora da festa, Wandinha se senta ao lado de Bianca para reclamar de seu salto. Mesmo triste, Bianca a consola: “Como minha querida mãe sempre diz, o fogo é o teste do ouro. O sofrimento, o teste das mulheres”, e confessa sofrer por não saber o verdadeiro sentimento das pessoas por ser uma sereia com o poder de encantar pessoas. Elas terminam a cena em silêncio, mas Wandinha demonstra empatia por Bianca.

Já o episódio 5, *Quem Planta Desgosto, Colhe?*, tem direção de Gandja Monteiro. O capítulo foca na relação dos estudantes de Nunca Mais com seus pais, que vão visitá-los no Dia da Família. Bianca conversa com Xavier, que se desculpa por sua atitude no baile após ela exigir. Ambos compartilham que seus pais não iriam participar da data e é perceptível que a personagem não tem uma boa relação com sua mãe já que a chama pelo seu nome, Gabrielle. No final da cena, sua mãe aparece (Figura 6).



Figura 6 – Bianca se encontra com sua mãe (Fonte: Netflix)

Há uma cena onde a Bianca conversa com sua mãe revelando uma relação difícil: a personagem fugiu da Comunidade Canto do Amanhã, composta por sereias, porque ela e sua mãe eram exploradas por seu padrasto, que as faziam manipular e roubar o dinheiro de pessoas com o canto de sereia. Para sair dessa realidade, ela foge e muda seu nome para “Bianca” dificultando que sua mãe a encontre. Portanto, Bianca não integrava a elite da escola, como costumava dizer, e apenas conseguiu entrar em Nunca Mais porque usou seu canto para enganar a diretora. Gabrielle diz que seu poder está acabando e ameaça revelar os segredos de Bianca caso ela não voltasse para ajudá-la. Bianca insiste para que a mãe a deixasse em paz e no final do episódio, aceita ajudar Gabrielle, mas que após isso, deveria sumir de sua vida para sempre.

No capítulo 6, *Toma Lá, Não Dá Cá*, também dirigido por Monteiro, Lucas é obrigado pelo pai a fazer serviço comunitário em Nunca Mais punição por destruir o baile e para que a diretora não o denunciasse. Bianca inicia o diálogo ao vê-lo usar um bracelete da Comunidade Canto do Amanhã. Ele conta que está tentando mudar e para auxiliá-lo, baixou um aplicativo indicado por uma mulher. Bianca informa que aquela comunidade não se importava com o bem-estar dele, apenas com dinheiro e o aconselha a apagar o aplicativo. Assim, ele a convida para ir à cafeteria, para conversarem mais. No local, Tyler – amigo da protagonista – pede a Bianca para entregar o presente que Wandinha deixou na cafeteria. Ela aceita, sem problemas, e não faz nada para destruí-lo. Em conversa com Lucas, Bianca confia que Gabrielle sempre diz que ela nunca poderá mudar suas escamas – ser diferente de sua mãe ou deixar de ser uma sereia – e que em todos os lugares que vai, as pessoas sempre a olham com desprezo por ser uma sereia. Lucas confessa que o motivo de ter destruído o baile foi por causa da explosão da estátua, mas que se sentiu mal pela vingança. A aproximação entre ambos foi possível porque queriam mudar de vida e serem pessoas melhores.

A partir dos episódios com direção de Tim Burton, é possível notar que Bianca foi uma personagem construída para ser rival de Wandinha. Bianca se encaixa no padrão da garota popular da escola, mas isso acabou simplificando a personagem, sendo ela apenas rival da protagonista, que é o seu extremo oposto. Além disso, no audiovisual, o papel da mais bonita e popular da escola – conforme Wandinha descreve Bianca – geralmente é destinado a mulheres brancas. Assim, o corpo da mulher branca apenas foi substituído pelo de uma mulher negra, transferindo ao invés de transformar (hooks,

2019a). Bianca acaba se aproximando do estereótipo da *mulata trágica*, pois as pessoas a condenam por ser metade humana e metade sereia, além de ser constantemente rejeitada por Xavier, mostrando a solidão afetiva que sofre. Xavier aceita ir ao baile com ela, mas reatar o namoro “já é demais”. É possível refletir sobre as relações de trabalho e sexual entre mulheres negras e homens brancos, mas não de afetos e criação de laços (GONZALEZ, 2020).

Já o personagem Lucas Walker se encaixa no estereótipo de *mal-encarado*, porque ele se mostra violento, vingativo e perigoso para os “excluídos”. Ademais, foi sexualizado em uma cena com Enid, e foi representado como alguém inferior intelectual e moralmente por trabalhar no *Pilgrim World*, local reservado para conservar a história de genocídio da cidade. O prefeito Walker, aparece como alguém corrupto e sem moral ao encobrir os atos de seu filho para não prejudicar seu governo, e por apoiar que os “excluídos” fossem segregados dos “padrões”. Bianca também se mostra uma pessoa trapaceira, que não aceita perder e quer sempre estar no topo. Assim, os três reproduzem o estereótipo de que negros são corruptos e infantis (SILVA, 2018, p.90).

Já nos capítulos dirigidos por Gandja Monteiro, tanto Bianca quanto Lucas, ganham maior complexidade e desenvolvimento. Nos diálogos entre Bianca e sua mãe, é possível entender melhor as motivações da personagem: ela se esforçava muito para ser a melhor aluna e a mais popular para não causar desconfianças, porém, ela se sentia ameaçada pela fragilidade de suas relações com seus colegas, já que não podia perceber os reais sentimentos das pessoas e nem mesmo de seu ex-namorado, devido aos poderes de sedução das sereia. Assim, toda a fixação em Wandinha, na verdade, pode ser entendida com insegurança e ameaça, pois a nova estudante se mostrava uma adversária à altura. Já Lucas, embora não tenha revelado o motivo de causar tanta confusão e nem como era sua relação com seus pais, se mostra arrependido por estragar o baile e tenta ser uma pessoa melhor, encontrando em Bianca uma boa influência.

Considerações finais

Após a análise dos episódios de *Wandinha*, é possível notar a série demora em aprofundar nos personagens secundários, focando apenas nas características de vilões de Bianca e Lucas. No mais, eles são os únicos adolescentes negros da série que possuem falas, não atuando apenas como figurantes, reproduzindo o fenômeno do Negro Único

(CORRÊA, BERNARDES, 2019). Assim, não houve uma representatividade negra na série, pois não basta apenas a presença de seus corpos na série. A presença precisa ser diversa, com camadas e pluralidade de histórias (PILAR, 2021). Além disso, essas representações não caminham para a autodefinição e autovalorização desse grupo, apenas reproduzindo estereótipos de controle (COLLINS, 2016) e substituindo personagens brancos(as) por negros(as), ao invés de buscar uma transformação (hooks, 2019a).

Em síntese, é necessário refletir sobre os personagens Bianca Barclay e Lucas Walker, pois ambos não estão na série como indivíduos, e sim como representantes de todo um grupo social marginalizado, vistos que são os únicos adolescentes negros. Considerando todo o impacto que a série teve no mundo, a representação dos personagens negros buscava a não identificação do público, e até mesmo repúdio a esses personagens. Embora, nos capítulos dirigidos por Monteiro os personagens tenham buscado ser pessoas melhores, na primeira metade da série, eles são apresentados apenas com atitudes negativas, ligados a estereótipos de raça e gênero.

Referências

A história de ‘A Família Addams’. **Folha**, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/webstories/cultura/2022/03/a-historia-de-a-familia-addams/>. Acesso em: 24 jun. 2023.

ARAÚJO, R. O mundo branco de Tim Burton. **Introcrim**, 16 dez. 2022. Disponível em: <https://www.introcrim.com.br/o-mundo-branco-de-tim-burton/>. Acesso em: 24 jun. 2023.

BRYANT, N. Mayflower: o incômodo legado dos peregrinos que chegaram aos EUA há 400 anos. **BBC News Brasil**, 3 out. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54259777>. Acesso em: 24 jun. 2023.

CASTELLANO, M. MEIMARIDIS, M. “MULHERES DIFÍCEIS: A anti-heroína na ficção seriada televisiva americana. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, jan-abr, 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/27007>. Acesso em: 12 jul. 2023.

CLARA, M. S. Quem é Gandja Monteiro, a brasileira que dirigiu dois episódios de “Wandinha”. **ELLE Brasil**, 19 dez. 2022. Disponível em: <https://elle.com.br/cultura/quem-e-gandja-monteiro-a-brasileira-que-dirigiu-dois-episodios-de-wandinha>. Acesso em: 24 jun. 2023.

COLLINS, P. H. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Tradução: Juliana de Castro Galvão. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan-abr, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzsGrvmFTKFqr6GLVMn/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 jun. 2023.

CORRÊA, L. G; BERNARDES, M. “Quem tem um não tem nenhum”: solidão e sub-representação de pessoas negras na mídia brasileira. *In*: CORRÊA, L. G (org.). **Vozes Negras em Comunicação: Mídia, racismos, resistências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. v.1, p.203-220.

GONZALEZ, L. A mulher negra no Brasil. *In*: GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 75-93.

HALL, S. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016. p. 139-223.

HOOKS, b. O olhar opositor: mulheres negras espectadoras. *In*: HOOKS, b. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019a, p. 182-204.

PILAR, O. Resistência, imagens de controle e representatividade. *In*: GUIMARÃES-SILVA, P. (org.). **Orientação afirmativa: interseccionalidade e comunicação**. 1. ed. Belo Horizonte: Selo PPGCOM/UFMG, 2021. v. 1, cap. 3, p. 51-66. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/publicacao/orientacao-afirmativa/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SILVA, A. A. C. **O sensível (não) partilhado: a violência poética e política da (ir)representação do negro em Hollywood**. 2018. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018, p. 72-158. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-10042018-122248/pt-br.php>. Acesso em: 20 jun. 2023.

TODOS os filmes e séries da família addams (até o momento). **Darkside**, 25 nov. 2021. Disponível em: <https://darksided.blog.br/todos-os-filmes-e-series-da-familia-addams/>. Acesso em: 24 jun. 2023.

WANDINHA (temporada 1). Direção: Gandja Monteiro, James Marshall e Tim Burton. Produção: Alfred Gough, Miles Millar e Tim Burton. Estados Unidos: Netflix, 2022, (440 min.). Disponível em: <https://www.netflix.com/>. Acesso em: 21 jun. 2023.